

Dr. Juvenal de Araujo

distinto advogado e publicista madeirense, antigo parlamentar
do Centro Católico

Braga, 30 de Março de 1929

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAX -- BRAGA

NUMERO 358 — ANO VIII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L. da

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	2\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

CAPAS PARA

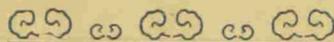
A

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Preço de cada capa de luxo	7\$50
Encadernação	2\$50

Pedidos à Administração

Esta casa, a mais antiga no género, além de um variado sortido de pa-



Papelaria das Flores

de agua-benta, placas, estampas de todos os formatos, simples e artisticas!

Viuva Carvalho & Silva, Sucessor

pelaria, artigos de pintura e aprestos para confeccionar flores artificiais, tem sempre em deposito um colossal sortido de artigos religiosos, constante de terços, medallhas, crucifixos pias

88, Rua do Souto, 90

BRAGA

Especialidade em artigos com a imagem de Nossa S.^a de Fátima

DESCONTO AOS REVENDADORES

imagens de massa com rica pintura, livros de missa, etc.

Lembranças de 1.^a Comunhão. Patentes e mais artigos do Apostolado da Oração. Modelos de pin-tura : : : tura : : :



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA QUINSENA DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

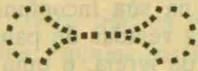
Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica».

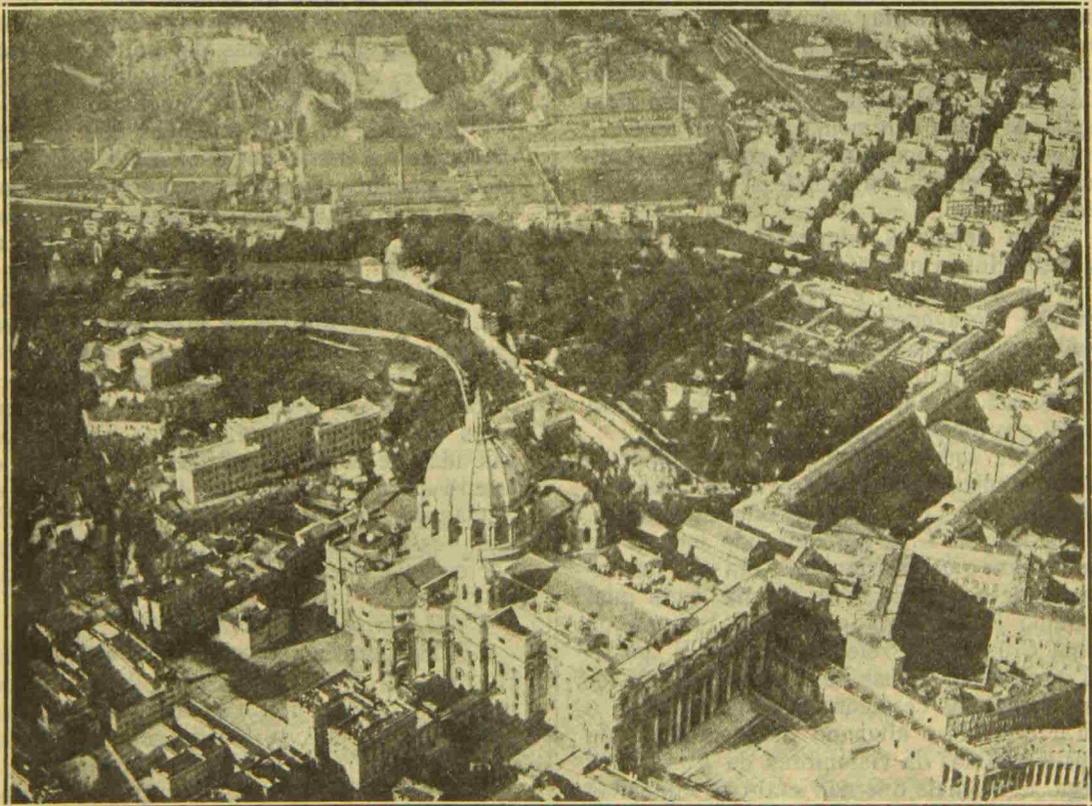
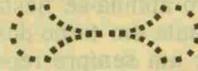
Braga, 30 de Março de 1929

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VIII — N.º 358



EM ROMA



A Basilica de S. Pedro.-- Os palacios
e jardins do Vaticano



NA Sacrossanta e Primacial Basilica desenrolaram-se as magnificentes e esplendorosas solenidades da Semana Santa. Magnificas são elas por todo Portugal; em Braga, porem, sobre excedem de imponencia, devido às particularidades proprias do rito, e aos usos e costumes da Sé, vetustas praxes que lhes trazem novos encantos e as rodeiam de inconfundivel majestade. Tal é por exemplo a sagração dos Santos Oleos, que, cumprida em erguido tablado, assume uma imponencia deslumbrante quando o Prelado, no meio de luzido acompanhamento de conegos e presbiteros e diaconos e subdiaconos, todos revestidos de paramentos tecidos de oiro, procede às ceremonias rituais e do alto ressoam festivas vozes cantando aquele precioso hino «O Redemptor» que do rito bracarense passou para o romano que o admitiu a travez das formulas galo — hispanicas.

O povo apinha-se nestas ceremonias da Semana Santa em torno dos altares, avido de contemplar um sempre repetido, mas sempre novo espectáculo, cheio de comoventes recordações, e mais seria, por certo a sua atenção, mais presa ainda a tão interessantes objectos, se por ventura tivesse deles um mais íntimo conhecimento, e lhe fosse bem explicado o seu ceremonial, os seus textos e orações, todas repassadas de comoção e delicadeza, e em que a grandeza e a simplicidade se aliam.

Vem depois a admiravel exposição da Sagrada Hostia que até ha pouco tempo era feita em ostensorio; é uma particularissima devoção portuguesa a visita ao SS. Sacramento em Quinta-feira santa; todas as igrejas são concorridissimas, e uma grande massa de fieis vai, durante a tarde, de uma a outra igreja, em devota peregrinação.

Sobre todas, porem, são emocionantes as ceremonias de sexta-feira santa, desde a Adoração da Cruz, à procissão do enterro. A adoração da Cruz deve ter sido tomada do rito romano; originariamente era de Jerusalem, onde no seculo IV já existia, e do qual a tomou Roma, para venerar a reliquia da Santa Cruz, nesse referido seculo. E' possivel que no bracarense haja uma certa influencia oriental nas ceremonias, como o indica o veu que oculta o altar no descerramento da Cruz e que nos dá vislumbres da *iconostasis* grega, tanto mais que não eram discipendas as relações deste extremo ocidente com a Palestina, bem patentes na *Peregrinatio Etherae*. Mas apezar disso, é mais provavel que Braga tenha recebido de Roma este rito, pois o proprio Trisagio foi em Roma acolhido nesta adoração.

Os textos romanos e bracarenses são

conformes; a sua ordem, porem, é diversa, e o ceremonial entre nós mais opulento; aliás muito conformemente à indole litúrgica de toda a região hispanica e franca, de cujos costumes, sobretudo por obra de Carlos Magno, veio Roma a receber a dramatização com que em parte se revestiam os seus ritos antes muito singelinhos.

A procissão do Enterro marca, porem, o ponto culminante da semana santa bracarense. Não a tem semelhante rito algum, não a tem parecida igreja alguma. Apenas algum tempo a usaram os monges beneditinos, e do Manual dos Monges negros, impresso ha trescentos anos na tipografia dos Jesuitas em Coimbra, sabemos que era igual à bracarense no seu ceremonial, nas suas preces e nos seus cantos. Mas como Roma a suprimisse no seu rito e a este se conformasse a Congregação que usava aquele Manual, sòmente Braga a conserva na sua inconfundivel majestade. As janelas veladas de panos negros, apagadas as luzes da igreja, é uma claridade baça a que se filtra no templo, todo em luto, entenebrecido. O cortejo perpassa grave, demorado, cabeças cobertas de amitos o clero, de capuzes a irmandade da Misericórdia; as naves estremecem ao eco lamentoso das vozes atipladas de duas crianças que gemem plangentes a morte do Senhor; e um coro multissono lhes responde com versos repassados de sentimento e dor. E' uma longa teoria que passa, lenta, ensimismada, a recordar a tragedia do Calvario e o epilogo doloroso dessa scena tremenda, o sepulcro do Salvador. Bruxoleia um rio de luzes que percorre gravemente as naves, os Conegos, arrastando no pavimento seus mantos, o Senhor Arcebispo de roxas vestes tambem, sustentam velas acesas, e passam, atravez de ajoelhadas filas de povo, a preceder e a seguir o feretro divinal que os sacerdotes, de alvas e estolas pretas transportam aos hombros. E' que nesse feretro vai depositada a Hostia Sacrossanta que S. Tomaz cantou num suave ritmo:

O' Memoriale mortis Domini...

E depositada sobre o altar a suavissima Hostia, não é só a lembrança da morte do Senhor; é o penhor e o germen das alegrias pascaes. Essa mesma Hostia será conduzida triunfalmente no Domingo, quando a luz encher de poalha de oiro o sagrado recinto, que estremecerá aos parabens com a que a Igreja bracarense saudou o seu Amor, a sua Padroeira: «Regina Coeli, loetare», porque entre nós é eucarística a propria devoção á Mãe de Deus, dá qual recebemos a vida com o Autor da vida que aquela Hostia encerra:

París vivus, vitam prestans homini.

O PARLAMENTO Português teve nos seus ultimos anos a illustração e esforço patriótico e brilhante do Centro Católico. Entre os notaveis e conscienciosos oradores desse pequeno mas importante grupo teve merecido renome pelos seus dotes políticos e literarios o dr. Juvenal de Araujo, madeirense illustre e representante no Congresso da sua formosa patria.

Recordação desses trabalhos, comprovação do seu patriótico labor, presagio, porventura, para novos meritos do futuro, quis o dr. Juvenal de Araujo reunir num elegante volume alguns dos seus discursos parlamentares.

Não há porque aprecia-los. Vão já longe as discussões que os motivaram, constituindo alguns, triunfos parlamentares pois as Camaras se pronunciaram no sentido que indicava o orador do Centro Católico. E não é de admirar que assim succedesse, tendo qualquer causa por patrono o dr. Juvenal de Araujo. Timbrava o Centro em sustentar uma posição de extrema correccão, e tratava com isenção e patriotismo os problemas, e o autor destes trabalhos a essas qualidades de *vir probus*, que exigia o mestre da oratoria, acrescentava a de *dicendi peritus*, na qual era eximio, desde o tempo em que o conhecemos, aluno da conimbricense, e empolgante, cheio de communicativa vivacidade, possuidor de uma eloquencia persuasiva.

São modelares os discursos, de perfeita composição litteraria, mas, nas frias paginas do livro, não podem dar a perceber todo o espirital encanto que receberam da perfeita dicção do seu auctor.

Vem ainda o prefácio que está assinado pelo então Presidente da Camara dos Deputados, o nosso distincto conterraneo Dr. Domingos Pereira, a revelar o mágico segredo pelo qual triunfava o Centro Católico, e do qual procede a sua posição brilhante que o dr. Juvenal soube, excelentemente, manter.

A lisura de processos, o convencimento da verdade, a delicadeza e o amor patrio, o abandono de preconceitos, a leal camaradagem foram as virtudes pelas quais o Centro Católico mereceu a sua invejável posição, e

essas foram tambem as que deram ao dr. Juvenal de Araujo um honrado nome parlamentar.

A categorisada opinião do sr. Dr. Domingos Pereira, tão honrosa para o grupo católico, deve ser assim posta em relevo; é um testemunho consciencioso da história do passado, é uma lição de sincero e salutar parlamentarismo, manifestando ainda um ensinamento para o futuro, e é que, sejam o que forem e como forem os Congressos legislativos, Côrtes, Assembleias, Grandes Conselhos ou Parlamantos, pode neles imperar a Verdade e o Bem Publico quando os sufrágios indicam para tal cargo homens que tem o culto da Verdade, quais os descreve, aplaude e incita o antigo Presidente dos Deputados e qual o foi, — e disso dá prova este livro, — o nosso amigo sr. dr. Juvenal de Araujo.



:: Avareza ::

A avareza é uma das paixões mais abjectas que podem entrar no coração humano. Se o avarento se conhecesse, havia de fugir de si mesmo.

Que vileza no cego apêgo ao dinheiro! O Padre Regnier, secretario da Academia franceza fazia em certa ocasião a colecta duma dobra de ouro que cada academico devia pagar para as despesas comuns. Distraído, não deu fé que um dos quarenta, o presidente Rosa, que era muito avarento, lançasse no chapeu o seu óbolo, e apresentou-lho segunda vez. O avarento, como era de esperar, protestou que já tinha dado a parte que lhe tocava. «*Eu creio*», disse o Padre Regnier «*mas não vi...*» — «*E eu*» disse Fontenelle, que estava ao lado «*vi, mas não creio*».

NUNCA tinha dedicado artigos completos, nas minhas Notas, relativas a Carlos Reis ou a seu filho João Reis, porque, quando das suas exposições, eu tinha deposto



MERCADO — Pintor Carlos Reis

a pena e não me ocupava a tratar o assunto — pintores e pinturas.

E quasi me vanglorio de tal ter sucedido, pois tenho ocasião agora de o fazer com o maximo entusiasmo e a maior veneração.

Antes porem de começar a escrever esta nota, deixai-me tomar a posição de sentido, juntar bem os pés em angulo recto levantar o meu braço direito, numa saudação fascista, e quedando-me uns segundos silencioso, ir dizendo na minha mudez, e na firmeza da minha posição: — Avé Cezar da

pintura portugueza, ... Tu, Oh Mestre Carlos Reis.

* * *

Cumprido o meu dever de cortezia, admiração e respeito por tão extraordinario artista, vou entrar no assunto da Nota de hoje.

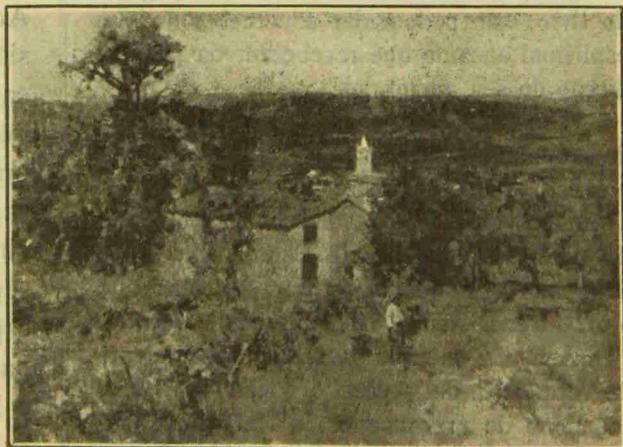
Que Carlos Reis era muito grande, como pintor, já eu o sabia pelo que d'ele tenho visto em diversas exposições, mas, que ele podesse ser tão grande, como agora se nos apresenta, é que eu não o tinha imaginado.

Hontem, confesso fiquei, como vulgarmente se diz, *epatée*; deante do seu quadro — MERCADO —

Aquilo é simplesmente assombroso. Agora mesmo que estou escrevendo, paro, para entrefechar os olhos e fazer aparecer na tela do meu cerebro a reprodução da extraordinaria tela, que na exposição me deslumbrou e me subjugou pela verdade de que está revestida.

E penso e scismo qual foi a força divina que o impulsionou para produzir, um tal trabalho, qual a tecnica usada por esse extraordinario pintor para passar á tela a natureza tal como ela é, palpitante, vivida e verdadeira.

Ali tudo é real e positivo, tudo tem vida, ação, movimento. Não ha um unico detalhe por mais insignificante que seja, ou

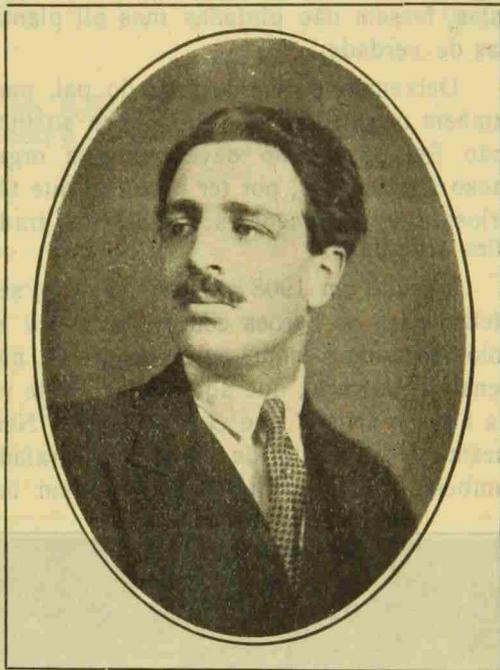


A CASA DO MEU VISINHO — Pintor Carlos Reis

mais minucioso, que não esteja estudado e indicado. Não ha linha que saia das suas proporções, não ha côr que se empane, ou se sobreponha sem justesa. As figuras palpitam, andam, e sentem. Nós estamos a desvendar perfeitamente o que lhes vae n'alma, o que lhes vae lá por dentro d'aquelles cerebros, que não são mais do que pinceladas de tinta, mas que nos dão a impressão nitida de que estão pensando.

Nós fixando bem as figuras d'esse quadro, ouvimos as frases amorosas que o lavrador apaixonado diz á cachopa, ingenuamente maliciosa, que o escuta, de mão fincada no queixo e empurrando a face, n'um disfarce muito natural na gente do campo, piscando ambos, os olhos, feridos pelo sol, esse sol esplendoroso, que doira, os homens e as coisas, fazendo rebrilhar os barros das louças, que a vendedeira tem poisadas no chão.

E a velha?... Essa velha, que parece que vem caminhando para fora do quadro filosoficante, pensando na carestia da vida, seguindo mercado alem, acarretando os chinelos, no seu passo achouteado de cansada mulher do povo, enquanto que as cebolas encabadas e pendentes do cesto, fazem estalar as suas cascas lusidas e espelhentas ao contato com o mesmo cesto sujo e velho como a sua dona, enquanto que a murciana, fresca e apetitosa enche com galhardia o resto do cesto.



JOÃO REIS — PINTOR

E O CASTANHEIRO GIGANTE?... E O MANHÃ CINZENTA?... E todos os outros seis quadros?... Qual d'elles o mais interessante, o mais bem tocado de luz e de côr... especialmente de côr.

O A CASA DO MEU VISINHO, é um retalho de paisagem de tal modo encantador e com uma casa tão tentadora, que eu sinto profundamente não ser o visinho do artista, para poder ali passar, se não a vida inteira, pelo menos a maior parte d'ela. E, dito isto parece-me ter dito tudo sobre este trabalho.

E O MEIO DIA?... esse retalho de natureza, autentica, que o sol inunda exuberantemente, e em que destaca o arvoredo de tal maneira que a nossa vista toda se envolve e passa por entre as clareiras das arvores, como se

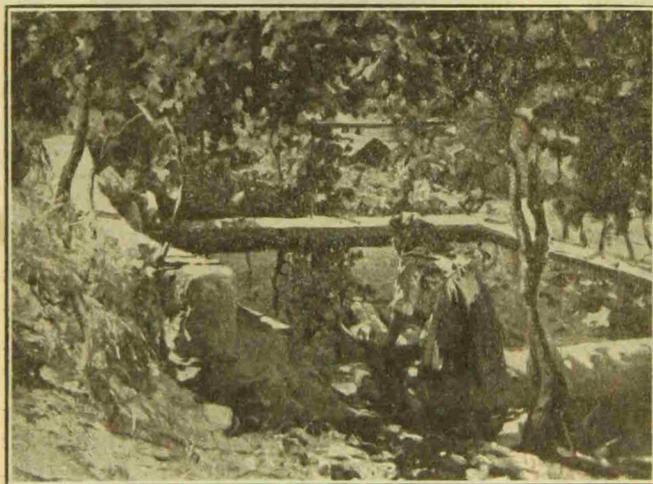


A' VOLTA DO MERCADO — Pintor João Reis

estas fossem não pintadas mas ali plantadas de verdade.

Deixemos, porem de falar do pai, para tambem nos dedicarmos um pouco ao filho João Reis... Como deve sentir-se orgulhoso Carlos Reis, por ter um filho que tão briosa e honradamente segue as suas tradições artistitas.

Quando em 1908 ele pousava no seu atelier para os Serões com o Joãosinho ao colo, olhando-o com enternecimento, não pensava, de certo, que aquele pequenote viria a ser o artista, que ele hoje já é. Nem mesmo o pequeno de então, fotografado tambem no mesmo atelier, sentado em um



CONVERSANDO — Pintor João Reis

banco de couro de pregaria amarela, pensava vir a ser o que hoje é, embora o seu ar sereno e serio fosse o dum pequenino homem.

Mas bem verdadeiros são os ditados que dizem: — a acha, sae á racha — e filho de peixe sabe nadar —.

João Reis é inegavelmente um bom, um esplendido artista. Não tão assombroso como o pai, mas a hombrar com os artistas de nome feito.

Ha muito que ele vem afirmando as suas qualidades excepcionais de pintor, e cada vez mais, elas se lhe assentuem. Hoje por exemplo traz-nos ele a esta exposição trabalhos magnificos (vinte e quatro quadros).

Dizer que todos eles são impecaveis, não, mas dizer que todos são bons, sim.

Ha entre os quadros expostos por este artista um de grandes dimensões e que tem por titulo — Volta da feira — que é em meu fraco entender o melhor de todos. Quadro grande de figuras, cheio de movimento e de côr. Um velho lavrador da Louzan, de jaleca e carapuça, segue atraz de um par de conversados tambem aldeãos, que se arrimam a uma junta de vitelos para disfarçadamente trocarem as suas confidencias, para que o rapaz e velho não os surpreenda na conversa... Como se o velhote embebido na sua discussão não podesse dar fé disso.

E tudo aquilo segue tão serenamente tão natural e tão harmonico, que eu fico a pensar, se de facto aquele quadro é uma tela pintada, se uma janela aberta sobre a estrada, e as figuras são mesmo gente e animais vivos que vão passando.

No — A VOLTA DO TRABALHO — uma moçoila fresca e tisonada do sol que vem de ancinho ao hombro, das tarefas arduas da lavoura, a meio de um extenso campo.

Não sei em verdade que mais hei-de admirar, se a elegancia, fragancia, satisfação da rapariga, se a vastidão do terreno, que nos foje da vista, lá para longe, sob uma perspectiva admiravelmente estudada.

AO ENTARDECER — uma linda paisagem cheia duma tonalidade doce de luz a contrastar com a luz doirada de um poente magnifico.

E outros mais cuja conteistura eu poderia fazer aqui notar, se desejasse fazer a critica deles, mas de que não falarei, para não quebrar a norma usada desde ha muito, ser apenas um anotador.

Assim fico bem comigo proprio.

ANTONIO DE LEMOS (Alvaro)

Catedral de Salisbury.

Foi mandada construir com régia magnificencia pelo Bispo de Durham, no século XIII. Tem tantas janelas quantos dias ha no ano; tantas colunas quantas horas; tantas portas quantos mezes. Levou 40 anos a construir.

Os dois alforges

O fabulista Esopo, o crítico sagaz
de assuntos que inda agora são muito morais,
diz que Júpiter poz aos ombros dos mortais
dois alforges, pendendo à frente e para traz.

No das costas que ver a gente não se apraz
reserva cada um seus pecados banais...
mas no dianteiro estão êsses fenomenais
do próximo... no qual se pinta ferrabraz!

Nós vêmos êstes só, sem uma ilusão de ótica:
acervos de miséria horrível e caótica...
os nossos, qual o quê, nem importância tem...

Carradas de razão ao velho fabulista!
O nosso alforge está contrário à nossa vista...
mas o da frente, então, oh! vêmo-lo tão bem...

CANDIDO PERCEVAL

O Meu Ideal

O meu Ideal... sonhei-o à luz minguante
duma tarde de abril, criança ainda,
numa visão de amor que vida adiante
se fez uma iriação de esperança linda!

Ser apóstolo! Nobre e culminante
é êste Ideal... aspiração benvinda!
Lançar bênçãos de Luz inebriante
de Amor e de Perdão, de Paz infinda...

Nos lábios a vibrar o Verbo astral
do Evangelho, fazendo dum mortal
um cidadão da Terra e do Infinito...

Viver junto ao altar um Céu completo;
Comungá-lo num ósculo de affecto...
O' meu sonhado Ideal... Como és bendito!

CANDIDO PERCEVAL

DO que respeita á fundação desta vila, nada com segurança se pode saber, tal é a diversidade de opiniões, tal o emaranhado da tradição popular, baseada no conceito lendário, sem um único documento que nos revele, duma maneira precisa, o segredo da sua origem.

Uns, afirmam que a sua fundação se deve a uma colónia fenícia; outros querem que os celtas tenham sido os seus primeiros fundadores. Muitos afirmam que ela foi edificada pelos romanos; e a tradição oral diz

dizia respeito á sua defeza, mandando-a este monarca, em 1265, reedificar e povoar. D. Dinis, concedeu-lhe, em 24 de Julho de 1284, foral com iguais privilegios do de Valença, aumentando-a consideravelmente. Possui Caminha outro foral, concedido por D. Manuel I datado de 1 de Junho de 1512, em que lhe foram conferidas importantes regalias, como a de ser considerada «*Couto do Reino*», o que equivale a dizer que os criminosos ali refugiados não podiam ser perseguidos pela Justiça. Este privilegio durou até 1790, data em que foi revogado para todo o País.

D. Afonso V elevou a vila à categoria de condado, conferindo este titulo a D. Pedro Alvares de Sotomaior, visconde de Tui.

Mais tarde, no reinado de Filipe II, foi convertida em ducado, fazendo este monarca mercê d'êlo ao Marquês de Vila Real, D. Miguel de Meneses.

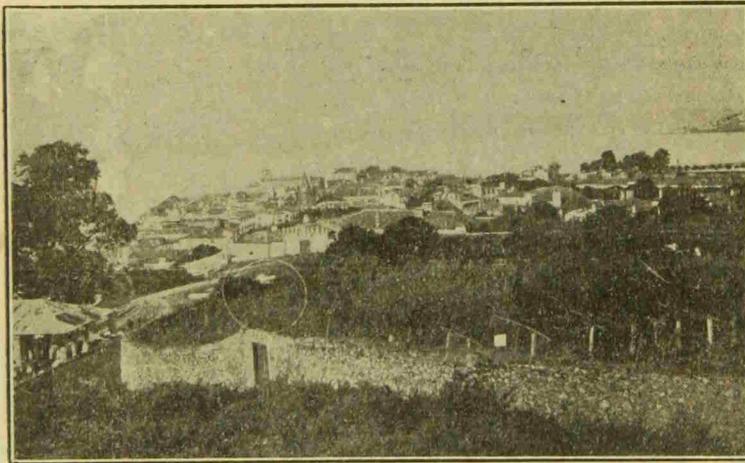
Em 1641, o inquisidormór do Reino, concebeu a conhecida conspiração contra D. João IV, atraindo a

si o Marquês de Vila Real, que aderiu, com promessa de aliciar seu filho, o duque de Caminha, para tal fim.

E, embora este lhe demonstrasse a mais obstinada opposição, limitando-se a guardar o segredo que lhe havia sido confiado, isso não obstou a que, no dia 29 de Agosto de 1641, o moço Duque, que fôra arrebatado aos braços da noiva em plena lua de mel, fosse decapitado na Praça do Rossio, em Lisboa, sem que lhe pudessem valer as altas influências que clamavam o seu perdão.

Na casa dos duques de Caminha, situada na rua Direita, estão hoje instalados o tribunal e a cadeia da comarca.

Em 1809, quando das invasões napoleónicas, sofreu Caminha o ataque das for-



CAMINHA — Vista geral

(Gliché de Celestino de Azevedo Pires)

que essa tarefa se deve a um fidalgo galêgo, chamado Camínio.

O que é certo é que já Plínio, no Liv. 25, a denomina «*Opidio Minium*» e D. Fernando de Leão, na sua «*Divisão dos Condados*», em 1026, lhe chama «*Caput Minium*».

A hipótese que atribue a sua fundação a Camínio é muito provavel que não seja verdadeira em toda a sua plenitude, sendo antes mais aceitavel que esse fidalgo fosse o seu reedificador e não o seu primitivo fundador, como a tradição o pretende. Por nossa parte, enfileiramos na opinião dos que consideram esta vila de origem romana.

Caminha deve especial carinho aos monarcas da primeira dinastia. No reinado de D. Afonso III achava-se esta vila completamente arruinada, principalmente no que

ças do general Sout, que a guarnição desta praça, aliada aos populares, corajosamente soube repelir. A recordar esse feito, foi levantado, junto do rio Minho, um obelisco com a seguinte inscrição :

1.º CENTENARIO DA DEFEZA DO MINHO
1809 — 1909

As diminutas tropas dispostas pelo general Bernardim Freire, na margem do Minho, opuzeram-se heroicamente á passagem, em barcos, ten-



CAMINHA — Monumento comemorativo do 1.º centenário da defeza do Minho

(Cliché de Celestino Pires)

tada pelos francezes do comando do marechal Sout, a 15 de Fevereiro de 1809, diante de Cerveira onde mandava Gonçalo de Araujo. A 16, em Caminha, onde era comandante o tenente coronel Champalimand. Em ambos estes sítios a artilharia meteu a pique alguns barcos inimigos e a infantaria auxiliada pelos paisanos tomou outros na margem fronteira.

1809 — 1909

(Continua)

Caminha, 1-2-1929.

CELESTINO PIRES (Ruy de Santilena)

NOBREZA ANTIGA

Ha muita gente, que, á mingua de merecimentos próprios — que são os que constituem a verdadeira nobreza — se enfeita com inúteis memorias de problematicos antepassados. Nada mais vão, nem mais frequente. Eis um caso.

O imperador Maximiliano I foi principe mui amante das letras, mas de tão ridicula curiosidade, que, intentando conhecer o principio e primeira origem da sua nobreza, aproveitou a informação dum celebre genealogista, que lhe assegurou ter achado na arca de Noé a antiguidade da sua casa. Recebeu o imperador com tal gôsto esta noticia, que, para vir no conhecimento dela, abandonou todos os negocios do seu reino e estado, sem querer ouvir a mais pessoa alguma. Um seu cosinheiro, galante homem, que ele ás vezes gostava ouvir, tendo ocasião de lhe falar, disse com graça: «Senhor, esta diligencia em que vossa majestade anda tão influido, nem é muito util nem muito honrosa; porque no estado presente em que as coisas se acham, respeito eu a vossa majestade como a DEUS. Porem, se formos dar comnosco na arca de Noé, nos acharemos mui depressa primos; porque emfim, senhor, todos de lá procedemos». Envergonhou-se tanto o imperador das diligencias em que andava, que logo mudou de intento.



Necessidade de temperança

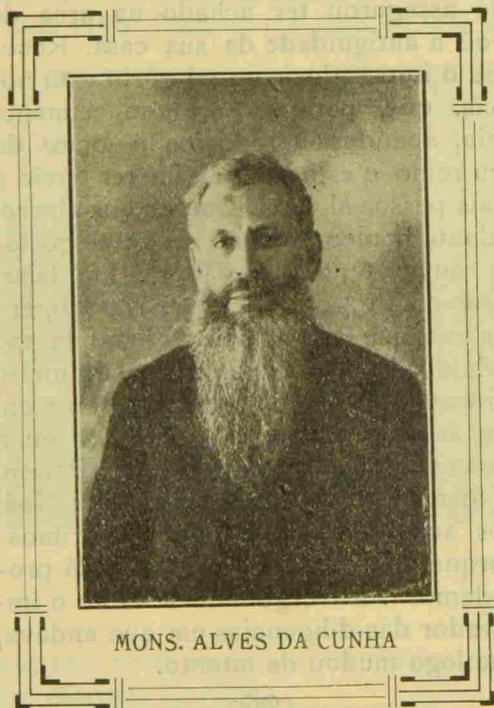
Carlos XII, rei da Suécia, num momento de embriaguez, faltou ao respeito a sua mãe. Esta recolheu-se triste aos seus aposentos, e não saiu de lá no dia seguinte. O rei pergunta a razão disso, e dizem-lha. Depois, tomando um copo, vai ter com sua mãe e diz-lhe: «Senhora, hontem, no vinho, esqueci-me do respeito que vos devia. Venho pedir-vos perdão e beber este copo de vinho á vossa saude. Será o ultimo da minha vida». Desde então nunca mais bebeu vinho.

«Quem é? Não vem de si, porque do pó foi feito padre.

Não é de si, sendo como é, o servo de todos.

Não é para si, porque a sua existencia pertence á gloria de Deus, ao ministerio da Igreja e ao prestigio da Patria».

Quem é, pois? E' um dos maiores



portuguezes do nosso tempo, de todos os tempos.

Vae para trinta anos que Mons. Cunha trabalha com actividade assombrosa pela Religião e pela Patria.

Mons. Cunha que havia sido chamado a Lisboa para colaborar na obra nacionalista do Comandante João Belo, acaba de regressar ao seu posto d'honra e ao seu cargo de Vigario geral da Diocese d'Angola, só a Deus confiando a recompensa do que a sua Fé e o seu coração, a sua caridade e o seu patriotismo por êle executam.

TUDO SE PAGA

S. Francisco Xavier empregava o seu zêlo em converter certo indio. Mas este respondeu-lhe: «Se jamais eu procurasse entrar numa igreja católica, até queria que me dessem com a porta na cara». Passados tres dias, o indio viu-se perseguido por uns homens que atentavam contra a sua vida. Não sabendo aonde se havia de refugiar, encaminhou-se para a igreja: mas os cristãos, atemorizados pelo motim, sem saber do que se tratava, e receiando que aqueles homens viessem para saquear a igreja, fecharam prontamente as portas, e aquele desgraçado foi morto á porta do santuario, vendo assim satisfeita a sua louca aspiração.

ELEAZAR

Uns amigos — daquela especie a que pertence a maior parte dos que usam tão belo nome —, uns amigos de Eleazar, dizemos aconselhavam o santo velho a que aceitasse as viandas oferecidas aos idolos, dizendo-lhe que em segredo as substituiriam por outras, e que por este artificio ele evitaria a morte. Mas o veneravel ancião deu-lhe esta admiravel resposta: «Antes quero morrer, do que praticar o que me aconselhaes: todo o disfarce é indigno da minha avançada idade. Não permita Deus que por semelhante astucia eu dê aos moços motivo de julgarem que Eleazar, com os seus noventa anos de idade abraçou as cerimoniaes pagãs. Por essa dissimulação eu escaparia ás mãos dos homens, mas não ás de Deus. Deixai-me morrer animosamente».

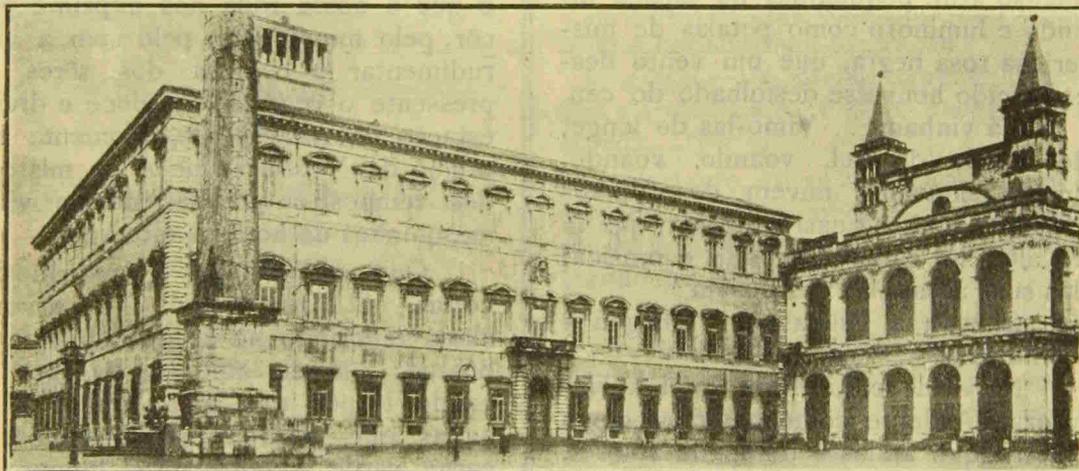
E' assim o homem de character.

O PALACIO DE LATRÃO

Como os nossos leitores sabem foi neste Palacio assignado em Fevereiro ultimo, o Acordam conciliatório entre a Santa Sé e a Italia.

O Palácio de Latrão é de contrução pesada e magestosa, como em geral são todos os Palacios da Cidade Eterna, este edificio encerra magnificas

Depois da morte desta, Constantino cedeu o Palácio ao Papa Silvestre, servindo então de residencia papal até 1308, em que foi devorado por um terrivel incendio. Reconstruido por Sixto V, sob a direcção de Domenico Fontana, serviu no tempo de Inocencio XII, de hospicio para os indigentes.



salas, amplos vestibulos, que só por si o tornariam recomendável se não fôra o belo museu que nele se encontra.

Finalmente, depois de ter estado por muito tempo deshabitado, Gregório XVI determinou instalar ali um mu-



(1) — EM ROMA — Palácio de São João de Latrão, onde foi assignado o memoravel Acordão entre a Santa Sé e a Italia.

(2) — Em frente ao Palácio de Latrão. Um seminarista, lendo à multidão, a noticia oficial do Acordão entre a Santa Sé e a Italia.

O nome de Latrão vem de Plautias Lateranus, personagem do tempo de Nero. Acusado de conspirar contra a vida do Imperador foram-lhe confiscados os bens, e a sua habitação tornou-se um palacio imperial, que foi ocupado mais tarde por Faustina, esposa de Constantino Magno.

seu profano, que devia encerrar os objectos de arte antiga, que por sua natureza não podiam estar no Vaticano.

Enriquecido por Pio IX com as preciosas descobertas feitas nas catacumbas, o museu de Latrão tomou uma feição genuinamente cristã.

X

E_H lá! Eh lá!

Queremos dar-vos uma alegre nova: Já hontem vimos passar sobre o nosso telhado as primeiras andorinhas. Vinham altas, aos bandos, cortando o imenso azul, pequeninas no espaço infindo e luminoso como petalas de misteriosa rosa negra, que um vento desconhecido houvesse desfolhado do céu.

Lá vinham... Vimo-las de longe, dos lados do sul, voando, voando, numa pequenina nuvem de salpicos negros, e, iam quasi a afirmar, que lá do alto, no ruflo palpitante e musical das suas azas, elas nos diziam:

Chegou a Primavera! Chegou a Primavera!

Na verdade, já Março sorri à Natureza. Ardente como um deus moço e loiro que andasse doido de amores, o sol namora a Terra. E o grande coração maternal da terra estremece de amores novos.

Realmente já se sente em tudo um ár de Primavera. Por entre os derradeiros frios do inverno que morre em manhãs de neve e meios dias asperos de vento, já o sol vem a dizer alegres boas novas. Ainda os mais preguiçosos podam as vinhas nos campos, que a nortada, descendo das serras pelos pinhais verde-escuros, por vezes trespassa de frio.

Mas já no tiritar das arvores há carícias quentes, adreços de sol que contentam os seus braços nus; já se cava a terra, já se aram as leiras, já se semeia, já as arvores florescem, noivando, já o gesto vivo das coisas, numa amotinação crescente de seivas e de vidas, rompe a bruma fria que as cobre, proclamando alegremente qualquer acontecimento extranho que está para suceder.

E' que chegou a hora bendita e sensual do amor fecundo, dos conubios misteriosos das creações. Nas aguas

* que correm a cantar pelas terras fóra; nas aves que a cantar se procuram e acasalam pelo espaço; nas arvores que reflorescem; na luz viva que beija as coisas; na mornidão creadora dos dias de cinza e oiro, acesos de sol; em tudo o que à nossa roda nos exprime pela côr, pelo movimento, pelo som a vida rudimentar e confusa dos sêres, se pressente o regresso da doce e divina estação de Anacreonte, momento supremo da Natureza que é no misterio dos tempos o que nas nossas vidas mesquinhas de homens é o Amor.

Ouve-se já bater o coração das coisas. E dizem amor! — as arvores altas, refforando no ar doirado que as possui: — dizem amor! — as aves no calido torpôr dos seus ninhos e as aguas que mordem freneticamente a carne verde e terra dos humus: — amor! — diz a Terra, a sempre mãe e a sempre virgem, de novo alvoraçada na sua febre ardente de crear, no aneio misterioso e profundo com que o ente-solo deseja o rasgão do arado e o conubio das sementes.

Mademoiselle Primavera chegou, não há que duvidar, toda toucada de flores e afestoada de lilazes, como uma deliciosa figurinha de legenda ou uma novelesca princesinha de vitral, no misterio de alguma balada antiga.

Da côr dos seus cabelos loiros são as espaldas das serras, que à luz heroica do meio dia nos evocam mirificos mantos de topazios e crisolitas; da côr dos seus olhos azuis são as flores das pervincas e dos miosotis; da côr dos seus labios vermelhos são as rubidas cerejas, amadurecendo à caricia do bom sol por esses pomares alem.

Está a terra coberta de cravos e de junquillos, como se houvesse algum noivado lá pela natureza. Abrem as rosas nos rosais. Vai pelas terras de amanho uma azafama alegre. Tudo ri,

tudo exulta, tudo entoa o radioso epitalâmio da aleluia. Mas não é só a Natureza que vibra nesta sinfonia alada da criação. Também a alma do lavrador floresce de esperanças, cantam cachopas as suas cantigas pelas vessadas alem, onde se cava e onde se namora.

Primavera! Primavera!

Bemvinda sejas, tu que trazes este tempo de amores, esta alegria de semear a boa terra que tudo paga e tudo agradece.

Bemvinda sejas!

CLAUDIO E ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA GUIMARÃES



No Outono da Vida

Diálogo íntimo

(Continuação)

Isabel — Saber ser tia, é adorável!

Luisa (Desdenhosa) — E' percursor dos gêlos do Inverno.

Isabel (Convicta) — Tem o encanto das flores da Primavera... desabrochando em pleno Outono.

Luisa — Para nos entretecerem coroas que irão adornar-nos a sepultura.

Isabel — Para nos alegrarem ainda com o matis das suas côres e a fragrança das suas pétalas.

Luisa — Todas as mulheres tem horror a amar e ser amadas como tias...

Isabel — Porque muito poucas sabem sentir todo o encanto e doce ventura deste affecto.

Luisa — Porque o coração não envelhece e em todas as idades se aspira a amar...

Isabel — Porque não querem compreender que só gozamos a felicidade no sentimento que é próprio da estação da vida em que nos encontramos.

Luisa — Ora dize-me, Isabel, tu não amas esse rapaz de quem falamos?

Isabel (Com intimativa) — Estremeço-o!

Luisa — E não desejas o seu amor?

Isabel — Só aspiro à sua felicidade.

Luisa — E como desejas proporcionar-lha?

Isabel — Pensando mais em dar-lhe o meu affecto, do que em pedir-lhe o seu, esquecendo-me de mim propria para só me lembrar do bem estar dêle; numa palavra: fazendo consistir na dêle, a minha propria felicidade.

Luisa (Admirada) — Mas... se êle te amar, despresarás a sua afeição?

Isabel — O seu puro affecto é toda a minha consolação. Como poderia despresá-lo?

Luisa — Mas êsse amor não constitue a tua suprema aspiração?

Isabel — A minha suprema aspiração a seu respeito, é vê-lo completamente feliz.

Portanto, acima de tudo, quero que ele seja verdadeiramente bom, porque só da bondade e da virtude nasce a verdadeira felicidade.

Luisa — E' extraordinario o teu modo de pensar! Então se êle fosse um conjunto de virtudes e não correspondesse ao teu affecto, ama-lo-ias ainda?

Isabel — O' sim! Ama-lo-ia sempre, revendo-me nas suas virtudes.

Luisa — E serias feliz com esse amor?

Isabel — Se ele tambem o fosse, podes crêr que me sentiria ainda feliz.

Luisa — E se fosse mau?

Isabel — Não podia deixar de ama-lo; empregaria os maiores esforços e faria todos os sacrificios, para o atrair ao caminho da Virtude e do Dever — mas, nesse caso, soffria horrivelmente, ainda que, ao meu affecto, com affecto igual soubesse corresponder.

Luisa (Desdenhosa) — Não amas como mulher, Isabel!

Isabel (Comovida) — Porque sinto e penso verdadeiramente como mãe, — o que é mais ainda!

Luisa — Dize-me, ao menos, quem é esse Ente fóra de vulgar que te inspira um tão extraordinário sentimento?

Isabel — (Abrindo uma fotografia) Aqui está o seu retrato.

Luisa — (Com assombro e comoção) Ele?!?! — O mesmo a quem eu amo com delirio!

Isabel (Admiradissima tambem) — Ama-lo com delirio, pobre amiga?! — Ao Jorge de Vasconcelos, o proprietario, por sua falecida mãe, do Solar do Arneiro, aonde tantas vezes fomos na nossa infância?

Luisa (Muito triste e pensativa) — Sim, ao Jorge de Vasconcelos, filho unico do Visconde do Carvalhal, tão conhecido na primeira sociedade de Lisboa.

Isabel — Como pelo seu luxo e elegancia é conhecido tambem a segunda mulher deste titular, que é filha do opulento banqueiro Sousa Pires.

Luisa (De cada vez mais impressionada) — O' Isabel, o que eu não sei nem posso compreender, é como tu podes ser feliz com um amor que me enlouquece e desespera!

Isabel — Porque em vez desse amor que realmente te enlouquece, não soubeste ou não quizeste dar-lhe um afeto proprio da nossa idade!

Luisa (Exaltada) — Esse rapaz, com o amor que me inspirou, fez a desgraça da minha vida!

Isabel — Este rapaz, — com o santo e calmo afeto que lhe consagro, tem sido a consolação e o encanto da minha existencia! —

(Continua)

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES

BOA RESPOSTA

Um tal Teodoro, professor de liceu, em França, fiel aos seus deveres de cristão, era objecto das zombarias dos seus colegas, que tratavam como superstição todas as praticas religiosas. Gostavam eles principalmente de graçar a respeito do diabo e de meter a ridiculo o que a fé nos ensina quanto aos espiritos malignos.

Como tais zombarias eram tidas em pouca monta pelo professor Teodoro, imaginaram elles uma partida, cujo successo lhes parecia infalivel. Viviam

* todos no mesmo edificio. Quatro deles combinaram secretamente embuçar-se num trajo que lhes desse a figura com que se costuma represnetar o diabo, e introduzir-se de noite no quarto de Teodoro, para lhe causarem, por essa visita diabólica, um medo, que esperavam os havia de divertir durante muito tempo.

O alfaiate encarregado de executar os ditos trajos e que havia prometido segredo, receando que o professor, tomado de improviso, soffresse alguma comoção perigosa, foi adverti-lo do que se tramava. «Isso não é nada:» disse Teodoro «arranjai os quatro vestidos; mas fazei mais um, e trazei-mo sem dizer nada a ninguem».

Fizeram-se os trajos: e, na noite em que os visitantes deviam apparecer, Teodoro, vestido com o seu, poz-se atraz da porta. Os outros chegam, e, á claridade duma fraca luz, atravessam primeiro em silencio o quarto; depois, a pouco e pouco, começam a executar danças grotescas. Mas não tarda que dêem fé que, em vez de quatro diabos, são cinco, e que o quinto parece mais atrevido e ameaçador. A semelhante vista, ficam tomados de tal panico, que cada qual foge precipitadamente para a porta, escapulindo-se aos pulos para os seus quartos, cujas portas fecham á chave.

No dia seguinte os nossos quatro espiritos fortes não falaram de nada; mas o seu colega disse-lhes que tinha ouvido passos violentos no seu corredor, e perguntou-lhes maliciosamente se elles não tinham ouvido nada...

Ha muitos incredulos assim. Alardeiam não acreditar no sobrenatural, zombam das almas crentes, pretendendo passar por homens superiores, por espiritos fortes. Afinal, quem os estudar convenientemente, descobre sem custo que elles não passam de espiritos fátuos, de ridiculos supersticiosos, mais dignos de compaixão do que de desprezo.

INSTINCTO DOS ANIMAIS

Em 1616, desabando a ponte de S. Miguel (França), uma criança ficou debaixo das ruínas. Mas, por felicidade, não ficou esmagada, nem tão pouco recebeu a mais leve ferida: duas traves, cruzando-se, puzeram-na a salvo de todo o perigo. Um cão, que na ocasião do perigo se encontrava ao lado da criança, foi preservado como ela. O pobre animal vendo-se preso no meio das ruínas, que o impediam de sair, começou a uivar com toda a força, e com seus gritos atraiu algumas pessoas, que o libertaram. Recobrada porém a liberdade, tornou a meter-se debaixo das ruínas que o haviam sepultado e principiou a ganir. As pessoas presentes, guiadas pelo fiel animal, descobriram assim e salvaram a criança.

MEDICINA

O célebre medico Dumoulin, estando na agonia e vendo-se rodeado de varios medicos de Paris, que deploravam a perda do seu colega moribundo, congregou as suas forças e disse-lhes: «Senhores, deixo no mundo tres grandes medicos». Instado por eles para os nomear, pois cada qual esperava ser um dos tres, respondeu: «A agua, o exercicio e o bom regime alimentar».

Um rei da Pérsia enviou ao califa Mustapha um medico mui famoso, que, logo ao chegar, perguntou como se vivia naquela côrte. Responderam-lhe: «Não se come senão quando ha necessidade, e nunca a fome se sacia de todo». — «Vou-me embora», disse ele «não tenho aqui que fazer».

* Dr. José Teixeira de Seabra Dias

Faleceu na cidade de Lamego, no dia 5 de Janeiro, este distinto medico, tendo recebido todos os Sacramentos da Igreja.

Querido por todas as classes sociais, foi sem duvida a dos pobres que mais sentiu a sua morte, pois era por êle socorrida com o desvêlo e carinho que lhe era familiar.

Contudo, não foi só como médico distinto, que o povo Lamesense o estimava muito, não. Além do amor que



DR. JOSÉ TEIXEIRA DE SEABRA DIAS

dedicava à pobresa, que considerava como de familia, ainda lhe crescia êsse amor para que o empregasse em beneficio da Igreja, a quem tantos e relevantes serviços prestou.

Foi, contudo, bem reconhecido, o bem que sempre praticou, pois o seu funeral assim o provou, acompanhando-o até à sua última morada a maioria da sociedade de Lamego.

A' Esposa e filhos que tanto sentiram a sua perda, enviamos sentidas condolências.

ANECDOTAS HISTORICAS

O que se estriba em mentiras, este tal se sustenta de ventos, e ele mesmo corre atraz dos passaros que voam.

*

A bênção do Senhor é sobre a cabeça do justo; mas a iniquidade dos ímpios apodrecerá.

*

No muito falar não faltará pecado: mas o que modera os seus lábios é prudentíssimo.

*

Dai ao vosso capote bastante largura, para poderdes, em caso de necessidade, abrigar com ele o vosso visinho.

Um avarento assimilha-se a um homem que se deixa morrer de fome na loja dum padeiro.

*

O homem pôde preparar o seu cavalo para o dia da batalha, mas só a Deus pertence dar a victoria.

*

Uma alma casta, diz S. Bernardo, é por virtude o que o anjo é por natureza.

*

A raposa que dorme não apanha galinhas.

*

O rico e o pobre encontram-se com desprazer; entretanto Deus criou ambos.

*

Não faças processo contra qualquer homem, sem motivo, quando ele te não fez mal nenhum. Não invejes o homem injusto, nem imites os seus caminhos.

*

Aquele que lavra a sua terra, terá fartura de pão; mas o que ama a ociosidade, estará cheio de indigencia.

*

Depois da fé em Deus, a fé nas suas criaturas é uma coisa bela e boa; prova a bondade da alma que crê na outra.

*

O ímpio foge sem que ninguém o persiga; o justo, porém, como leão afouto, estará sem terror.

*

O homem pobre que calunia aos outros pobres, é semelhante a uma chuva impetuosa, na qual se aparelha a fome.

*

Os homens maus não cuidam no que justo; mas os que buscam o Senhor advertem em tudo.

*

Melhor é o pobre que anda na sua simplicidade, do que o rico que anda por caminhos perversos.

*

E' bem raro que os bens mal adquiridos cheguem aos herdeiros ou filhos do usurário; por isso Salomão disse: aquele que amontôa riquezas por meio de usuras e interesses injustos, ajunta-as para o que há-de ser liberal com os pobres.

*

Há mais ventura na castidade do anjo; mas há mais coragem na do homem.

*

O «desprezo» é uma pilula, que se pôde bem engolir, mas que não se pôde mastigar sem fazer má cara.

*

Boa fama vale mais que dinheiro.

Livros recebidos

O *Ultimo olhar de Jesus*, — pelo distinto escritor sr. Antero de Figueiredo, muito conhecido e apreciado no meio literario português.

E' edição da casa Aillaud e Bertrand. Vamos ler o livro, para lhe fazer-mos a devida apreciação.

Agradecemos a amabilidade da oferta.

COLEGIO DUBLIM

— Largo do Carmo -- BRAGA —

Para meninas internas

Semi-internas e externato

Instrução Primária e Curso Liceal

Piano, canto, desenho, pintura e flôres. Todos os trabalhos de agulha e arte aplicada. Pensão mensal para as internas 240\$00. Idade para admissão dos 7 aos 14 anos

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

FRANCISCO PEREIRA VILELA

Antiga Casa

Ribeiro de Castro & Vilela

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA

Telefone n.º 59

Secção de Igreja

Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas as cores e mais alfaias pertencentes ao culto ; fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.

Secção Militar

Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e botões para fardamentos militares e todas as corporações civis, musicas, etc.

FALAR NÃ



FOTO-CHIC

É DISCUTIR A MELHOR FOTOGRAFIA

Rua Condição Reis, 87

BRAGA

≡ 2.^a Serie de Brindes ≡

Promovida pela "PAX,,
Secção **Livraria Litúrgica**

*Execução rápida de todas as encomendas. Preços módicos
Correspondencia directa com as principais livrarias nacionais e estrangeiras
Artigos religiosos. Terços, medalhas
Estampas e oleografias*

Atendendo a varios pedidos se iniciou a 2.^a série de valiosos brindes especialmente destinada a favor dos

Estimados assinantes da Revista « OPUS DEI »

1.º) *Os que fizerem compras no valor de 10 escudos e por cada 10 esc. mais, terão direito a um COUPON numerado para o referido sorteio.*
2.º) *Os que obtiverem assinantes certos para a Revista «Opus Dei», satisfazendo as assinaturas no acto da inscrição, igualmente por cada esc. 10\$ entregues, terão direito a um mesmo COUPON. Cada numero do COUPON corresponde a*

1 DEZENA DE ESCUDOS

BRINDES

Quadro representando o Golgota de Herm. Clementz com uma moldura em castanho medindo 1,16 × 0,81 cm.

Os volumes correspondentes aos 2 anos completos da Revista «OPUS DEI» devidamente encadernados.

O Missal dos Fiéis em 2 tômos em chagrim folhas douradas.

Quadro movel a cores para explicação da missa resada 0,56 × 0,24 cm.

1 Colecção «OPUS DEI» (1.^a Serie).

1 » » » (2.^a Serie).

Estes brindes serão distribuidos pelos 6 primeiros prémios da Lotaria da Santa Casa da Misericordia, que depois se anunciará.

LIMÃ, FILHÃO & C.^A L.^{DA}

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS